

## COMO ERA A ESCOLA NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX

Eduardo Jablonski<sup>1</sup>

### RESUMO

Neste ensaio, estudamos o romance *O Ateneu*, de Raul Pompeia, com o objetivo de constatar como funcionava a escola brasileira no final do século XIX, porque em geral os textos literários costumam registrar passagens históricas, entre outros fatores. Para alcançar esse objetivo, também pesquisamos na web ensaios que resgataram esse momento e fizemos comparações entre a história educacional brasileira e a narração de Pompeia. Ainda comparamos as escolas daquele período e as de hoje das redes públicas municipal e estadual numa cidade do interior do Estado gaúcho.

Palavras-chave: Educação. História. Literatura.

### ABSTRACT

In this essay, we study the novel *O Ateneu*, by Raul Pompeia, with the objective to see how the Brazilian school from the 19th century was, because generally the literary works used to talk about historical facts, among other factors. In order to reach this aim, we also search essays on the web that tried to register this moment, and did comparisons between the history of Brazilian education and the text by Pompeia. We looked for to compare this situation and public schools in a small city in the South of Brazil.

Key words: Education. History. Literature.

---

<sup>1</sup> Mestre em Literatura Brasileira pela UFRGS e professor da FG Faculdades. [evjj1969@gmail.com](mailto:evjj1969@gmail.com)

## 1 INTRODUÇÃO

Para este ensaio, escolhemos estudar como era a escola da metade para o no final do século XIX. A fim de atingir esse objetivo, nos baseamos no romance *O Ateneu*, de Raul Pompeia, publicado em 1888. O senso comum afirma que todas as áreas da sociedade evoluíram, e apenas a escola permaneceu estacionada nos últimos 500 anos. Assim, como a literatura em geral lida com a mimese, termo criado por Aristóteles na *Poética*, os livros retratam como as situações poderiam ter sido, baseados em como realmente funcionavam. Levantamos a hipótese de que o senso comum, nesta e talvez na maioria das situações, está equivocado. Nietzsche não dizia que o “espírito de rebanho” apenas conduz as pessoas a emitirem igual opinião sem raciocinar? Em termos metodológicos, o estudo apresenta caráter bibliográfico. Não se trata apenas de uma análise comparativa. Fazemos relações com as atividades praticadas nas escolas municipais de Santo Antônio da Patrulha em 2018, apenas para determinar até que ponto houve mudanças entre as escolas do Segundo Reinado e as de hoje. Antes disso, porém, revisamos a literatura a respeito de como foi a educação brasileira no século XIX.

## 2 COMO ERA A EDUCAÇÃO NO SÉCULO XIX

“O ensino Imperial se dividiu em 3 segmentos: primário, secundário e superior. O primário era um curso voltado ao ensino do ler e escrever e o secundário, as aulas de disciplinas isoladas” (SOUSA, 2017, p. 1). Supomos que a descrição do livro *O Ateneu* se ateve ao ensino primário no final do Segundo Império, até porque se tratava de um internato. As disciplinas isoladas do ensino secundário, na maioria das vezes, eram ministradas nas residências ou do professor ou do contratante.

A escola *O Ateneu* se localizava no bairro Rio Comprido, no Rio de Janeiro, a cidade mais rica do país junto com São Paulo. O Império, para não se onerar com o

desenvolvimento de um sistema educacional primário e secundário, estabeleceu que este último ficaria ao cargo das províncias, como eram conhecidos os estados no período.

Com a Independência em 1824, nasceu então a idéia de um sistema nacional de educação, ideia esta que desapareceu com a constituição, que, por sua vez, descentralizou a educação, deixando-a a cargo das províncias. Com isto, somente as províncias que tinham maiores recursos financeiros poderiam realmente efetivar a instrução primária e secundária. (SOUSA, 2017, p. 1)

“(...) currículo compreendia matérias como leitura, escrita e aritmética, doutrina cristã, geografia e história pátrias” (SCHUELER, 2017, p. 4). No Ateneu se revelou o que era importante para o desenvolvimento da narrativa. Então se falou sobre práticas de esporte e catequese, mas em nenhum momento se fez menção às matérias efetivamente estudadas. Mas nem por isso se deixou de ter uma visão de como era o ensino no final do século XIX, no Rio de Janeiro.

Como aconteceu ao longo da história em praticamente todas as oportunidades, no Segundo Reinado, oferecia-se à população um ensino que lhes possibilitasse trabalhar como operário, enquanto aos filhos das famílias de posses destinavam-se os cargos políticos e de comando. (SCHUELER, 2017, p. 5)

A Instrução Pública, determinando que o ensino primário era suficiente às camadas pobres, mantinha o monopólio do ensino secundário e superior nas mãos de poucos. As atividades intelectuais e políticas, os cargos públicos e a direção do Estado permaneciam como privilégio das classes senhoriais, restando à maioria da população livre e pobre o "privilégio" de exercer o trabalho manual na sociedade. (SCHUELER, 2017, p. 5)

“As escolas de meninos e meninas eram separadas, funcionando locais distintos, de acordo com o sexo.” (SCHUELER, 2017, p. 5) Em *O Ateneu*, não se menciona a existência de meninas. Em inúmeros momentos, se diz que “os rapazes” fizeram isso ou aquilo, o que deixa claro ser uma escola apenas para meninos.

### 3 COMO ERA O ENSINO NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX

“Frequentara como externo, durante alguns meses, uma escola familiar do Caminho Novo, onde algumas senhoras inglesas, sob a direção do pai, distribuía educação à infância como melhor lhes parecia” (POMPEIA, 2017, p. 1). Nessa passagem, percebe-se que a educação, na segunda metade do século XIX, era familiar. Havia grupos escolares organizados por famílias, e ministravam as aulas quem se achasse em condições, ensinando aquilo que mais dominassem.

“Lecionou-me depois um professor em domicílio” (POMPEIA, 2017, p. 2). Ou seja, uma das características mais fortes da educação em vários países de inúmeras épocas é a contratação de um preceptor cuidar dos estudos de uma criança. Aristóteles e Maquiavel, por exemplo, trabalharam dessa maneira na casa de potentados.

Grande parte dos alunos tinha de se instalar nas dependências do colégio Ateneu, porque viviam longe e não funcionava escola perto de suas residências. Então, o internato era uma realidade para a maioria. E claro que uma escola com internato acaba possibilitando situações diferentes de uma escola normal dos dias de hoje. O relacionamento dos adolescentes entre si e deles com seus educadores pode, muitas vezes, se deteriorar e atingir níveis de animosidade.

Em Santo Antônio da Patrulha, em 2017, uma escola considerada de médio a grande porte abrigava em torno de 500 estudantes. O Ateneu, na segunda metade do século XIX, registrava perto de 300, todos vindos de localidades distantes, como o caso do narrador.

Em nível de uniforme, pelo menos quanto à educação física, tanto o professor como os alunos vestiam um traje completo de brim, o que talvez até dificultasse a prática. Sobre os exercícios, estes eram feitos com halteres, barras e outros equipamentos.

Todos de branco, apertados em larga cinta vermelha, com alças de ferro sobre os quadris e na cabeça um pequeno gorro cingido por um cadarço de pontas livres. Ao ombro esquerdo traziam laços distintivos das turmas. Passaram a toque de clarim, sopesando os petrechos diversos dos exercícios. Primeira turma, os halteres; segunda, as maçãs; terceira, as barras. (POMPEIA, 2017, p. 5)

“E sorria à docilidade mecânica dos rapazes” (POMPEIA, 2017, p. 5). Aqui fica registrado o comportamento dos meninos daquela época, em contraste com o que, em geral, acontece nas aulas no início do século XXI. Os estudantes obedeciam ao professor, talvez porque gostassem das atividades, visto que, hoje em dia, as aulas de educação física também são as mais buscadas.

Uma curiosidade chama a atenção em *O Ateneu*: “Deram fim à festa os saltos, os páreos de carreira, as lutas romanas e a distribuição dos prêmios de ginástica” (POMPEIA, 2017, p. 6). No Japão, sabe-se que algumas escolas incentivam a prática de artes marciais daquele país, como o judô, o karatê, o aikidô. Nos Estados Unidos, promove-se a prática da luta Greco-romana, como em *O Ateneu*. Em Santo Antônio da Patrulha, as crianças participam de duas artes marciais tupiniquins (a capoeira e o jiu-jítsu), além do Karatê, por meio do Projeto Mais Educação.

Na passagem a seguir, fica notório que o enredo de *O Ateneu* se passou antes da proclamação da República, que aconteceria em 1889, uma vez que um dos campeões de ginástica se recusou a beijar a mão da Princesa, visto ser republicano: “Uma coisa o entristeceu, um pequenino escândalo. Seu filho Jorge, na distribuição dos prêmios, recusara-se a beijar a mão da princesa, como faziam todos ao receber a medalha. Era republicano o pirralho!” (POMPEIA, 2017, p. 6). Dessa forma, percebe-se que o presente estudo visa registrar e comentar como era a educação brasileira na parte final do Segundo Reinado, que se estendeu entre 1851 a 1889.

“Com uma das mãos para trás escondendo a palmatória” (POMPEIA, 2017, p. 8). Usava-se o castigo da agressão. Em 2018, ainda que isso não tenha mais efeito, os professores continuam agindo de forma violenta com os alunos, uma vez que os ofendem com palavras e mandam o estudante sentar-se na cadeira do pensamento, o que o expõe ao ridículo perante os outros. Mas, contraditoriamente, páginas adiante, diz o autor: “Em compensação, não havia expressamente punições corporais” (POMPEIA, 2017, p. 28).

Aristarco marcou apenas dez páginas de castigo escrito à noite, e passar de joelhos as horas de recreio, a começar da presente. Formulado o veredicto, Franco caiu de rótulas no soalho com estampido, como se repentinamente se lhe houvesse estalado às pernas uma mola. “Ai não! aqui, tratante!” gritou o diretor, indicando a porta do salão. (POMPEIA, 2017, p. 33)

Pela vergonha da tentativa de furto e no sistema dos castigos morais, adicionouse a observação suplementar: passaríamos, os delinquentes, no outro dia, as horas do almoço e do jantar, ao refeitório, de pé carregando em cada mão quantos sapotis coubessem. (POMPEIA, 2017, p. 35)

“De noite, novamente ao lado do Franco, a fatigar-me na tarefa das páginas, tive que ficar até tarde numa das salas do primeiro andar. Pelas dez e meia, o diretor, antes de sair para casa, veio ver-nos. ‘Ainda escrevem... estes peraltas?’” (POMPEIA, 2017, p. 37) Nesta passagem, supõe-se que os meninos deveriam escrever tantas páginas “não vou fazer mais isso ou aquilo”. Como a obra traz as impressões do autor a respeito das cenas, parece que não se importa por revelar claramente o que se passava na escola, talvez não tivesse a clareza da informação como objetivo ou talvez enfrentasse o problema de algumas pessoas que não sabem se comunicar, uma vez que, ao falar, deixam de informar inúmeros detalhes, o que inviabiliza a comunicação para grande parte dos leitores. Mas se trata de literatura, e a arte da palavra não tem por objetivo deixar todas as respostas. É a opacidade que faz o leitor pensar.

“Pois, meu caro Sr. Sérgio, o amigo há de ter a bondade de ir ao cabeleireiro deitar fora estes cachinhos... Eu tinha ainda os cabelos compridos, por um capricho amoroso de minha mãe.” (POMPEIA, 2017, p. 8) Também se obrigavam os estudantes a cortar os cabelos. Em 2018, talvez excetuando apenas a Escola Militar, não há nenhuma obrigatoriedade de se cortarem os cabelos.

“Abriam-se as aulas a 15 de fevereiro.” (POMPEIA, 2017, p. 10) Nas escolas municipais em Santo Antônio da Patrulha/RS, as aulas se iniciam também na segunda metade de fevereiro, mas as do estado começam no mês seguinte.

“Oferecendo episcopalmente a mão peluda ao beijo contrito e filial dos meninos. Os maiores, em regra, recusavam-se à cerimônia e partiam com um simples aperto de mão.” (POMPEIA, 2017, p. 10) O tratamento para com o diretor era cerimonioso, muito diferente do que acontece hoje em dia. Em 2018, os estudantes falam com o diretor como se fosse

um camarada, um amigo, embora alguns dirigentes de escolas os xinguem em quaisquer situações, por todos ou nenhum motivo.

“Soldavam-se nele o educador e o empresário uma perfeição rigorosa de acordo, dois lados da mesma medalha: opostos, mas justapostos.” (POMPEIA, 2017, p. 10) Nesse período, nota-se que talvez o autor estivesse querendo dizer, e isso só perceberemos na leitura e no estudo completo da obra, que o diretor da instituição não agia da maneira ética como seria o correto. Provavelmente facilitaria as coisas a quem pagasse, como acontece na maioria das escolas privadas do país ainda hoje.

“O diretor, invariavelmente, o fulminava todas as manhãs, lendo no refeitório perante o colégio as notas da véspera.” (POMPEIA, 2017, p. 16). Aqui se depreende que havia exames todas as aulas, e as notas eram divulgadas no refeitório a todos, até para humilhar os que não obtinham os melhores resultados. Disso também se constata que a educação era classificatória e excludente e não tinha respeito pela dignidade do aluno. Além disso, se essa atitude fosse realizada hoje em dia, o diretor provavelmente seria processado, uma vez que o Estatuto da Criança e do Adolescente não permite constranger um menino ou menina. No Art. 232 da lei, consta que não é permitido: “Submeter crianças ou adolescente sob sua autoridade, guarda ou vigilância a vexame ou constrangimento”.

“No Ateneu formávamos a dois para tudo. Para os exercícios ginásticos, para a entrada na capela, no refeitório, nas aulas, para a saudação ao anjo da guarda, ao meio dia, para a distribuição do pão seco depois do canto.” (POMPEIA, 2017, p. 19) Nas escolas do Segundo Reinado, tinha-se por costume fazer todas as atividades em duplas. Em 2017, o normal é promover tarefas em grupos, até porque as empresas gostam de contar com pessoas que saibam trabalhar em equipe.

Hoje em dia existe aula de religião, e uma escola privada de Santo Antônio da Patrulha/RS, como possui ligação com a Igreja Matriz da cidade, também promove o catecismo. No Segundo Reinado, parece que havia catecismo dentro do Ateneu: “O catecismo começou a infundir-me o temor apavorado dos oráculos obscuros” (POMPEIA, 2017, p. 22).

Um dos graves problemas que se vê na escola hoje em dia, quando os alunos praticam esportes durante a manhã e, agitados, ingressam em outras aulas, o que provoca

rebuliços e bagunça, até porque estão desconfortáveis e suados, isso parece que não acontecia na época do Ateneu: “Os exercícios corporais efetuavam-se à tarde, uma hora depois do jantar, hora excelente, que habituava a digestão a segurar-se no estômago e não escorrer pela goela quando os estudantes se balançavam à barra fixa, pelas curvas” (POMPEIA, 2017, p. 23).

“Inventou uma análise dos Lusíadas, livro de exame, cuja dificuldade não cessava de encarecer” (POMPEIA, 2017, p. 24). Percebe-se que havia aulas de literatura desde as primeiras letras, ainda mais com a análise de um livro de linguagem antiquada como *Os Lusíadas*. Havia até curso noturno. “Aristarco iniciara um curso noturno de cosmografia” (POMPEIA, 2017, p. 25).

“Durante o hino do anjo da guarda (...) e era a dureza dos vigilantes que os constrangia ao respeito daqueles dez minutos de religião.” (POMPEIA, 2017, p. 31) Parece que havia pelo menos uns 10 minutos de cerimônias religiosas regulares todos os dias provavelmente antes do almoço, talvez para agradecer o alimento que as crianças recebiam. Nas escolas municipais em Santo Antônio, antes de os alunos ingressarem nas suas salas de aula, sempre se reza um Pai Nosso e se pede que todos passem por um bom dia de estudo. Mas também havia oração à noite: “Uma hora de oração que aborrecia era a da noite, antes do recolher.” (POMPEIA, 2017, p. 31); “Íamos à missa nos domingos.” (POMPEIA, 2017, p. 38)

Os meninos de *O Ateneu* também tinham aulas de música, provavelmente ensaiando alguns instrumentos musicais. A prova disso é a passagem: “Às vezes, na aula de música chamava o Ribas e pedia-lhe aquela, aquela... a do hino...” (POMPEIA, 2017, p. 31) Nas escolas municipais de Santo Antônio/RS, são oferecidas aulas de violão, teclado e dança gratuitamente.

Pelo que se lê em *O Ateneu*, sempre houve indisciplina e alunos bagunceiros e irresponsáveis. Então, para tentar diminuir esse problema, o diretor Aristarco inventou as aparições repentinas a qualquer momento e sem nenhuma razão, o que surpreendia a todos, professores e alunos.

A sala geral do estudo tinha inúmeras portas. Aristarco fazia aparições, de súbito, a qualquer das portas, nos momentos em que menos se podia contar com ele. Levava as aparições às aulas, surpreendendo professores e discípulos. Por meio deste processo de vigilância de inopinados, mantinha no estabelecimento por toda a parte o risco perpétuo do flagrante como uma atmosfera de susto. (POMPEIA, 2017, p. 32)

“A cada lição julgada boa, o professor assinava um papelucho amarelo, bom ponto, e entregava ao distinto. Dez prêmios destes equivaliam a um cartão impresso.” (POMPEIA, 2017, p. 40) Como os alunos viviam em sistema de internato em *O Ateneu*, era-lhes importante sair. Dessa forma, o diretor inventou um jeito que premiasse os melhores: a cada dez lições de boa nota ou resolução, os meninos ganhavam o direito de passear pela cidade.

“Organizavam-se os preparativos para a grande exposição de trabalhos da aula de desenho.” (POMPEIA, 2017, p. 64) Nas escolas municipais de Santo Antônio da Patrulha/RS, há exposições internas de ciências. Os melhores são escolhidos para ser mostrados numa grande feira municipal, em que se pode ver o melhor dos esforços estudantis. Não há exibição de criações artísticas.

O autor não deixa clara a forma como se dão as festas, acampamentos ou piqueniques dos 300 alunos do Ateneu. Raul Pompeia oferece impressões ao leitor do que sentiu em todas as situações. Mas supomos que as festas ou acampamentos eram enormes, com apresentações artísticas e comilança. Hoje em dia, os pais seriam responsáveis pelo pagamento da despesa, mas o autor nem menciona isso.

De todos os pontos do jardim começaram a chegar magotes pressurosos de uniformes brancos. Os vigilantes, enérgicos, regularizavam a ocupação dos lugares. Ao correr da mesa, fechou-se o bloqueio ameaçador de dentaduras. No centro alinhavam-se as peças, sem conta, frias, sem molho, apetitosas, entretanto, da cor tostada e do aroma suculento. Os garfos agitavam-se inimigos, amolavam-se os trinchantes nas mãos dos copeiros... (POMPEIA, 2017, p. 76)

“Desprestigiava-se a Lei, salvavam-se, porém, muitas coisas, entre as quais o crédito do estabelecimento, que nada tinha a lucrar com o escândalo de um grande número de expulsões.” (POMPEIA, 2017, p. 84). Em casos de amoralidade, a recomendação era o desligamento. Descobriu-se uma carta homossexual de uma Cândida, na verdade Cândido, mas ninguém foi mandado embora, pois o colégio perderia dinheiro e haveria comentários negativos.

Igual como no Uruguai nos anos de 1990, havia provas orais no Ateneu: “Para a prova oral fui mais animado. A nota da escrita era tranquilizadora. Os exames orais eram todos nas salas de cima.” (POMPEIA, 2017, p. 90) Mas não está claro como esse processo se desenrolava, nem a duração ou periodicidade. No país vizinho, todos os dias o docente formulava uma pergunta sobre a lição anterior e chamava alguém. Todos sabiam que esse procedimento aconteceria, por isso se preparavam. Talvez essa esteja entre as razões de os uruguaios serem tão superiores intelectualmente aos brasileiros.

#### 4 CONCLUSÃO

O ensino praticado no Ateneu, no final do século XIX, Segundo Reinado, era elitista, preconceituoso e discriminatório. Somente os melhores tinham oportunidades. Os menos afortunados sofriam humilhações públicas. Não ficou evidente, mas o autor sugeriu que também havia agressões físicas. Talvez até por esses motivos a escola foi queimada.

O senso comum garante que a escola não se modifica há 500 anos, mas quem é professor em 2018, ano em que o presente estudo foi realizado. Quem ainda leu o romance de Raul Pompeia sabe que o dito popular não corresponde com a verdade. As escolas atuais abrigam meninos e meninas. Embora algumas ainda sejam excludentes, muitos professores valorizam a todos. As atividades físicas se modificaram bastante: outros esportes são oferecidos; as aulas de música também. Quanto às matérias ministradas no Segundo Reinado e hoje, não sabemos ao certo, porque não ficou evidenciado, mas o sistema de ensino atual procura englobar as disciplinas por áreas, como Linguagens, Ciências da Natureza, Ciências Humanas e Matemática. Ao que parece, isso não existia na época em que Raul Pompeia foi aluno do Ateneu. Enfim, o ensino vem se modificando.

## REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. *A poética*. Rio de Janeiro: Ediouro, s.d. ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. Disponível em:

<https://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/91764/estatuto-da-crianca-e-doadolescente-lei-8069-90#art-232> Acesso em: 25 de novembro de 2018.

NIETZSCHE. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

\_\_\_\_\_. *Ecce homo*. São Paulo: Martin Claret, 2004.

POMPEIA, Raul. *O Ateneu*. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000297.pdf> Acesso em: 1 de março de 2017.

SCHUELER, Alessandra F. Martinez de. Crianças e escolas na passagem do Império para a República Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-01881999000100004](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01881999000100004) Acesso em 28 de dezembro de 2017.

SOUZA, Jane Aparecida Gonçalves de. A política educacional brasileira do século XIX ao XXI. Disponível em: [http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer\\_histedbr/seminario/seminario8/files/saK&JTxp.pdf](http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_histedbr/seminario/seminario8/files/saK&JTxp.pdf) Acesso em 28 de dezembro de 2017.